



## **MULHERES NEGRAS DE AXÉ: NARRATIVAS DE TERRITORIALIDADE, CORPO, TRABALHO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA COMUNIDADE DO LAREDO**

Geórgia dos Passos Hilario

“ Não serei humilhada novamente  
Nem me humilharei.”

“Busco imagens novas de identidade, novas  
crenças sobre nós mesmas/os, com nossa  
humanidade e valor não mais sendo questionados. ”

“Reconheço a necessidade de cuidar de nossas  
individualidades, de nosso “eu” racial.”  
Gloria Anzaldúa

A população negra e não negra possui na cultura afro-brasileira os valores civilizatórios africanos. Estes valores integram as personalidades e ações dos indivíduos, além de construírem características relacionais na formação da identidade em constante construção, pois o ser humano não está sozinho no mundo, há sempre um contato com valores de outras culturas, o que resulta numa situação de identidades híbridas.

Em se tratando das mulheres negras brasileiras, os valores civilizatórios são bastante visíveis. A maneira como conduzem suas vidas superando todos os dias as dificuldades impostas por meio do racismo e sexismo, constrói nas mulheres negras uma fortaleza de luta e sobrevivência num país que insiste em negar a existência do racismo e mascara a discriminação de gênero, raça e classe. Nesse processo de luta, percebe-se nas mulheres negras um mapa dos valores da circularidade, oralidade, memória, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo/comunitarismo, ancestralidade, ludicidade e energia vital. Cada um desses valores edifica a construção da identidade das mulheres negras como sujeitos históricos e as faz (re)significar difíceis histórias de inserção e reconhecimento.

As vozes evocam uma vontade de viver e aprender no cotidiano, por meio da força advinda de um tempo presente, no qual reflete sua ancestralidade.

As reflexões de Glória Anzaldúa, citadas no início do presente capítulo, dialogam com as vozes das colaboradoras sobre o desejo de reconhecimento suas individualidades e especificidades durante o processo de formação identitária, conforme suas relações sociais/inter-raciais, ainda que manifestadas num contexto comunitário livre das normas burocráticas ou métodos rígidos elaborados pelo projeto colonialista.



## O AXÉ E A IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO

“Só que Marli tem paixão: nós somos o que somos (...)” Marlei da Silva<sup>1</sup>

A paixão retratada pela colaboradora na citação acima, pode ser definida através de um dos conceitos de Axé, o valor civilizatório africano que perpassa os demais. Convém aqui, registrar os conceitos da palavra Axé, para poder vinculá-lo aos diversos conceitos de identidade que serão discutidos por meio das vozes das narradoras.

“Axé é a força vital, energia, princípio da via, força sagrada dos orixás. Axé é o nome que se dá às partes dos animais que contem essas forças da natureza viva, que também estão nas folhas, sementes e frutos sagrados. Axé é benção, cumprimento, votos de boa sorte e sinônimo de Amém. Axé é poder. Axé é um conjunto material de objetos que representam os deuses quando estes são assentados, fixados nos seus altares particulares para ser cultuados. São as pedras e os ferros dos orixás, suas representações materiais, símbolos de uma sacralidade tangível e imediata. Axé é carisma, é sabedoria nas coisas-de-santo, é senioridade. Axé se tem, se usa, se gasta, se repõe, se acumula. Axé é origem, é a raiz que vem dos antepassados, é a comunidade de terreiro. Os grandes portadores de axé, que são as veneráveis mães e os pais-de-santo, podem transmitir axé pela imposição das mãos; pela saliva, que com a palavra sai da boca; pelo suor do rosto, que os velhos orixás em transe limpam de sua testa com as mãos e, carinhosamente, esfregam nas faces dos filhos prediletos. Axé se ganha e se perde.”<sup>2</sup>

O axé como poder, força vital, a raiz e a origem que vem dos antepassados provocam um conceito menos complexo de uma identidade em construção, pois poder se adquire com as experiências vividas, a força vital vem por meio da nossa espiritualidade, a raiz e a origem internalizamos no momento que conhecemos histórias de nossas/os ancestrais e suas conquistas, bem como somos reconhecidas como sujeitos de nossas próprias histórias. Todos esses vetores constituem para uma formação identitária que se quer buscar, para a superação da subalternidade.

Conforme analisou Stuart Hall (2005)<sup>3</sup>,

“(...) em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (...) Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude.” (p.39)

A idéia de tratar identificação acerca da identidade de Hall, corrobora com o diálogo das vozes acerca de elementos como a religiosidade, por não ser um ponto fixo e estável na vida das colaboradoras e que contribui á sua formação identitária, como veremos adiante.

Ao afirmar “*nós somos o que somos*” a narradora nos provoca com uma indagação acerca da identidade feminina da mulher negra: quem somos nós no contexto catarinense atual.

<sup>1</sup> Entrevista concedida em 19/06/2008.

<sup>2</sup> Ver em PRANDI, R., *Os Candomblés de São Paulo*.

<sup>3</sup> Ver em A identidade cultural na pós-modernidade.



Uma tentativa de resposta para esta indagação problematizada através da afirmação de Marlei da Silva, poderia ser descrita por meio da seguinte proposta de Fanon (2008) sobre o conceito de identidade e consciência negra. O autor afirma que:

“(...) a consciência negra se considera como densidade absoluta, plena de si própria, etapa anterior a toda fenda, a qualquer abolição de si pelo desejo. A consciência negra é imanente a si própria. Não sou uma potencialidade de algo, sou plenamente o que sou. Não tenho que recorrer ao universal. Minha consciência negra não se assume como a falta de algo. Ela é. Ela é aderente a si própria. De vez em quando, dá vontade de parar. É duro investigar sobre a realidade.

Mas quando alguém mete na cabeça que quer exprimir a existência, arrisca não encontrar senão o inexistente...Entre o branco e eu, há irremediavelmente, uma relação de transcendência.

Mas esqueceram a constância do meu amor. Eu me defino como tensão absoluta de abertura. Tomo esta negritude e, com lágrima nos olhos, reconstituo seu mecanismo. Aquilo que foi despedaçado é, pelas minhas mãos, lían- anas intuitivas, reconstruído, edificado.”(p.122-124)<sup>4</sup>

Fanon discute a idéia de “*somos o que somos*” através da consciência negra que aceita sua existência e humanidade. A idéia de uma negritude em relação ao Outro, aqui representado pelo autor como o branco, vai para além da própria existência do/a negro/a. Este/a por sua vez, se reconstitui por meio do amor e desejo que tem por si mesmo, a partir do momento que ele recupera suas histórias reprimidas. Transcender significa a inexistência do ser branco e do ser negro, ambos só existem para justificar a presença um do outro. O/a negro/a foi construído socialmente para justificar a presença da dominação branca.

Ainda problematizando o conceito que Marlei da Silva afirmou acerca da identidade, outra possível discussão pode ser analisada por meio da definição de Sueli Carneiro (1993), que procura explicar a identidade feminina:

“Identidade é, antes de tudo, resultado de um processo histórico-cultural. Nascemos com uma definição biológica, ou seja, homens ou mulheres. Ou nascemos com uma definição racial: brancos ou negros. E sobre essas definições sexuais ou raciais, se construirá uma identidade social para esses diferentes indiví- duos, homens, mulheres, brancos e negros. E essa identidade social será construída a partir de elementos históricos, culturais, religiosos e psicológicos. Isso tudo não seria problema se a diferença não fosse tida e vivida como inferioridade na cultura ocidental, o que implica em dizer que a identidade é também algo que se constrói em oposição a alguma coisa, pressupondo portanto, o outro.(...) Entendo que a identidade feminina é hoje, antes de tudo, um projeto em construção que passa de um lado, pela desmontagem destes modelos introjetados de rainha do lar, do destino inexorável da maternidade, da restrição ao espaço doméstico familiar e o resgate da potencialidade abafadas ao longo dos séculos de domínio pela ideologia machista e patriarcal. Mas, por outro lado, a identidade feminina, enquanto projeto em construção, é fundamentalmente o esforço de construção da plena cidadania para mulheres.”(p.3)<sup>5</sup>

Carneiro fundamenta sua definição de identidade a partir da palavra construção que por sua vez está alicerçada na palavra social. Cada uma de nós, mulheres, negras e não negras possuímos uma identidade social em construção à medida que protagonizamos nossas histórias e somos coadjuvantes em outras, sob o ponto de vista cultural, histórico, religioso e psicológico. Estes

<sup>4</sup> Ver em **Pele Negra, Máscaras Brancas**

<sup>5</sup> **CARNEIRO, Sueli.** In: **Identidade Feminina.** Caderno Geledés-Instituto da Mulher Negra, São Paulo. 1993.



elementos dialogam com a afirmação da narradora Marlei da Silva que fala sobre estes aspectos na citação a seguir:

A Marli tem gosta muito da Universal e naquela época tinha. Só que a Marli tem paixão: nós somos o que somos,mas antigamente....Tu não pegou o que o que eu peguei,tu não pegou.Hoje em dia é tudo na teta.Hoje eu vou estudar! (Choro e pausa). Bah! Eu era inteligente! Eu tive a Orieta como professora, eu tive a professora Léia, a Dete aquela Dona Virlene. Eu tive a Darci, eu tive mais 10 professoras, eu adorava ir pra escola, só porque tinha condições né!Tu acha que não era pra ta estudada hoje? (Choro e pausa). Pra poder ajudar a família, meu pai era doente. Meu pai se tu pedisse pra ele pegar aquele ferro ali, ele não sabia pegar pra ti. (Choro e pausa novamente). De nascença.”<sup>6</sup>

Neste momento da entrevista Marlei estabelece diferenças culturais, religiosas e psicológicas entre ela e naturalmente a pesquisadora.Ambas possuímos histórias de vida bem distintas,mas que se aproximam pelo fator cor e o ser mulher negra.Os sinais da ancestralidade africana fica evidente quando ela diz “*antigamente*” e compara com o presente em “*somos o que somos*”,o presente e o passado interagindo para a formação de uma identidade feminina negra em construção.

A emoção de Marlei aumenta quando lembra tempos de escola e seu contato com as professoras mencionadas.Ela se declara “*inteligente*” às competências em que era submetida a um currículo escolar excludente por trazer em suas estruturas disciplinas estanques eurocêntricas e conteúdos etnocêntricos,motivo de muitas evasões de indivíduos negros/os não apenas da época,mas também agora.Issso implica inclusive em problemas psicológicos oriundos de um sistema educacional racista.

Mas o que mais chama atenção na fala da narradora nesta etapa da pesquisa, de maneira significativa, é o ponto da religiosidade enquanto constituinte de sua identidade em construção:

“Eu freqüentei muito a Universal, depois eu passei pra Deus é amor. Era aqui no Milanez, como é que se diz? Filme, né? Cinema. Aí depois eu mudei para Deus é Amor, aqui em baixo.Agora a Marli não mudou pra nada, porque a Marli só ta em casa.”<sup>7</sup>

Marlei cita dois nomes dentre as inúmeras igrejas evangélicas<sup>8</sup> existentes no país: Igreja Universal do Reino de Deus e Deus é Amor. Ambas participam da construção identitária de

<sup>6</sup> Em entrevista concedida em 19/06/2008.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> O autor Reginaldo Prandi afirma que estas igrejas foram formadas a partir do pentecostalismo, em 1970 no Brasil, enfatizando o dom da cura.Elas são consideradas neopentecostais. Ele escreve que “(...) **especializaram-se no uso da televisão,voltaram o culto para as massas,em grandes espaços,centrando-o enfaticamente nos exorcismos,e desenvolveram uma teologia que valoriza a prosperidade e reabilita eticamente o dinheiro e os ganhos materiais(...)** Entre os pentecostais o mal é sempre visto como obra do demônio,adotando por isso as igrejas de formação mais recente o exercício recorrente da vexação e expulsão dos demônios,que identificam com divindades e espíritos das religiões afro-brasileiras.Os pentecostais insistem na permanência de seus adeptos longe da política,fazem propaganda contra partidos e candidatos de esquerda,mas elegem deputados pastores que procuram,pelos mais diferentes meios,ganhar espaço para o Evangelho, o que na prática significa vantagens e privilégios para as suas igrejas, que eles consideram discriminadas em um país de cultura católica.”(p.53)

Ver obra Herdeiras do Axé, 1996.



aproximadamente 13 milhões de pessoas adultas no país. Ainda que o Brasil assuma o seu catolicismo<sup>9</sup>, os vetores religiosos poderiam definir, de modo superficial, uma identidade nacional brasileira homogeneizada, que por sua vez o indivíduo procura se identificar para uma possível inserção no meio social em que vive. A narradora Graziela revela sua identificação em ambos os segmentos:

“Eu sou católica, mas freqüento mais a Deus é Amor.Me sinto.Toda sexta-feira eu vou lá.É aqui em baixo.Sou mais quieta né, porque não adianta a gente...Eu não confio em ninguém mesmo porque um vem aqui e promete uma coisa e não faz...A gente desacredita de tudo,né,porque...Eu fico mais na minha.”<sup>10</sup>

Graziela freqüenta se auto-declara católica, mas quando fala em confiança ela menciona o segmento evangélico e o remete às questões políticas como um meio seguro de melhores condições reais de vida.

Dona Cinésia, a narradora mais velha desta investigação, afirma com muita convicção a sua orientação religiosa:

“Minha religião é católica, agora quase não porque eu tenho muita dor na nas pernas,quase não posso sair assim para longe,mas antes eu ia sempre toda vida.Eram pai e mãe, aqui quando elas fazem aquela novena de natal,toda vida elas vem pra cá,todo ano rezar aqui.É,vem uma turma assim de noite, reza nessas casas tudo assim.”<sup>11</sup>

O fato de a narradora ser visitada por integrantes da igreja católica do bairro Santo Antônio, a deixa entusiasmada e ao mesmo tempo a coloca num quadro de identificação que a faz sentir-se inserida na comunidade, principalmente nas relações sociais com moradores e moradoras que se deslocam de um local, o qual ela disse não pertencer, como já mencionado na etapa da análise dos deslocamentos.

A religião, a partir desse aspecto, constrói uma identidade social de deslocamento para esta colaboradora, conforme aponta Stuart Hall (2003)<sup>12</sup> :

“Estamos constantemente em negociação, não como um único conjunto de oposições que nos situe sempre na mesma relação com os outros,mas com uma série de posições diferentes.Cada uma delas tem para nós o seu ponto de profunda identificação subjetiva.Essa é a questão mais difícil da proliferação no campo das identidades e antagonismos: elas freqüentemente se deslocam entre si.”(p.328)

<sup>9</sup>Fanon em **Pele Negra, Máscaras Brancas** explica que “**Através dos tempos,vimos a religião católica justificar e depois condenar a escravidão e as discriminações. Mas ao reduzir tudo à noção de dignidade humana, eliminava-se o problema do preconceito(...)**” A religião católica sempre foi majoritária e hegemônica no país. Reúne três quartos da população adulta. A segunda região mais católica é a região Sul, com mais adeptos em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

<sup>10</sup> Entrevista concedida em 13/06/2008.

<sup>11</sup> Entrevista concedida em 26/06/2008.

<sup>12</sup> Ver em **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. In:”Que negro é esse na cultura negra?” 2003



Por meio da análise de Hall, o vetor da religiosidade serve como um mecanismo de negociação para as três narradoras como forma de se inserirem num meio social, para além o Laredo. Há, nitidamente, um agenciamento de ordem religiosa à constituição de suas identidades, num campo considerado tradicional, pouco estigmatizado se comparado ao campo das religiões de matriz africana e seus cultos afros.

Por outro lado, a negociação da identidade não rompe com um dos conceitos que Hall apresenta à constituição de uma cultura nacional enquanto “comunidade imaginada”: a perpetuação do passado. Perpetuação do passado manifestada por Marlei, de maneira surpreendente, ao revelar num outro momento que:

“Eu sou de aquário, sou Iansã, criador de Iemanjá. Tudo quanto é coisa boa, meu gênio, a situação de ser, eu sou de Iansã. Eu sei. Não, eu sei. Como é que se diz? O signo, sou de Iansã, sou dia 2 de fevereiro, Iemanjá, sou de Iansã. Minha linda, no mesmo que eu já tô contigo assim, eu to pensando assim, to aqui pensando. Ô Marli, já porque não sei o que porque eu tenho que resolver isso, ô Marli, assim, assim que é... Ô, Marli, eu não sei o meu tempo de..., não deu hoje, amanhã tu resolve. Eu sou, eu posso me estressar contigo na hora. Agora eu vou ser sincera contigo, amanhã eu não, já tá tudo em casa. Não mexe o coração dele, eles te... Tu pode resolver e graças a Deus eu to conseguindo. Muitas coisas, muitas coisas, pensamento de doença, pensamento de condições, passar e tu tem que passar e não pode passar, pensamento de amizade. Tu tem como conversar, hoje não deu, amanhã ou depois já vai dar certinho. Tem que ter paciência pra esperar por ti, tudo, tudo. Poe se estressar agora comigo, mas daqui a pouco já volto. Não é assim, pensou errado, às vezes tu nem quer, só que o estresse, é uma pessoa que ela não era pra ser assim. Muita calma do mar não era pra ser assim. Iansã é do mar, Iemanjá é do mar. Muito calmo. Eu sou uma pessoa calma, mas quando eu tiver que agir, eu vou agir, tiver de agir eu vou agir. eu conheci dentro de uma igreja de santos, lá no Lote Seis. Ele vê os dado, o signo da pessoa e chamava gente por gente. Eu não sabia nem o meu signo, o signo, o signo que eu ia, que eu era. Aí um dia eu escutei na igreja certinho. Deu na radia, deu na radia. O Padre Marcelo também coisa muito isso aí, aí eu escutei. Dá direto, todo dia. Pode escutar que dá, 97.7. Poe olhar que dá, pode olhar, dá o teu signo. Aí ali eu escutei um monte e é verdade. Lá no Lote Seis, olha o teu signo, o que significa, o dia de amanhã. Sabia que aprendi? Ô, ô... quando eles falam, tu entende o que é. Se tu vai bem, se tu vai legal, eu graças a Deus, to bem. Tenho tantos sonhos!<sup>13</sup>

O relato de Marlei da Silva, aos 39 anos, revela a construção identitária e a identificação a partir da ancestralidade africana, fundamentada no valor ancestral da religiosidade. Recuperar a espiritualidade por meio de elementos das religiões de matriz africana significa conhecer a si mesma e (re)significar sua própria história e conduzir a vida sob a regência das forças da natureza.

A narradora afirma ser de Iansã e Iemanjá, dois orixás representados no sincretismo<sup>14</sup> religioso através das imagens da Santa Bárbara e Nossa Senhora da Conceição, respectivamente. No

<sup>13</sup> Entrevista concedida em 26/06/2008.

<sup>14</sup> Sobre o sincretismo religioso como identidade brasileira, o autor Reginaldo Prandi escreveu que “(...) os cultos trazidos pelos africanos deram origem a uma variedade de manifestações que aqui encontraram conformação específica, através de uma multiplicidade sincrética resultante do contato das religiões dos negros com o catolicismo branco, mediado ou propiciado pelas relações sociais assimétricas existentes entre eles, também com as religiões indígenas e bem mais tarde, mas não menos significativamente, com o espiritismo Kardecista. Desde sua formação em solo brasileiro, as religiões de origem negra têm sido tributárias do catolicismo. Embora o negro, escravo ou liberto, tenha sido capaz de manter no Brasil dos séculos XVIII e XIX, e até hoje, muito de suas tradições religiosas, é fato que sua religião se enfrentou desde logo com uma série de contradição: a própria estrutura social e familiar às quais a religião dava sentido aqui nunca se reproduziram. As religiões dos bantos,



candomblé, cada orixá representa uma força ou elemento da natureza, um papel na divisão social e sexual do trabalho, por conseguinte, a estes papéis características emocionais, de temperamento e de ordem sexual.

O candomblé é uma religião que ganhou força no Brasil a partir de 1960. Ele orienta a relação entre cada orixá e o ser humano que dele descende, impedindo, por meio da oferenda, os desequilíbrios desta relação que podem provocar a doença, a morte, as perdas materiais, o abandono, o afetivo, os sofrimentos do corpo e da alma e toda a sorte de conflito que leva à infelicidade. Além de afirmar o mundo, o candomblé reorganiza seus valores e também considera a estima de coisas que outras religiões consideram más: por exemplo, o dinheiro, os prazeres, o sucesso e a dominação de poder.

No candomblé existe a preocupação com aspectos da vida real, como a doença, dor, desemprego, deslealdade, fome, ausência de dinheiro e moradia conforme cada necessidade do indivíduo, tornando a religião um dos caminhos para quem não consegue compreender o senso de justiça social suficiente para resolver muitos dos problemas de cada ser humano, enfrentados no curso de sua vida por conta de um mundo de desigualdades. Por isso a voz de identificação da narradora quando afirma ser de Iansã e Iemanjá revelando sua superação às dificuldades já enfrentadas por ela e as demais pessoas do Laredo, através das forças da natureza que emanam um axé a cada indivíduo. Uma das principais características sociais do candomblé é o acolhimento de pessoas excluídas da sociedade, sem discriminação de cor, gênero, orientação sexual e religiosa, classe.

Cada orixá possui sua própria característica e os conceitos de bem e o mal conforme formados pelo ocidente, não integram a religião dos orixás no Brasil. Os devotos crêem que os seres humanos herdam características de personalidade de seu orixá, tornando legítima as realizações ou erros que cada um comete. Ao se identificar como Iansã e Iemanjá, Marlei desenha sua conduta enquanto ser mulher negra, por meio desses orixás.

---

iorubas e fons são religiões de culto aos ancestrais, que se fundam nas famílias e suas linhagens. (...) Se a religião negra, ainda que em sua reconstrução fragmentada, era capaz de dotar o negro de uma identidade negra, africana, de origem, que recuperava ritualmente a família, a tribo e a cidade perdidas para sempre na diáspora, era através do catolicismo, contudo, que ele podia encontrar-se e se mover no mundo real do dia-a-dia, na sociedade dos brancos dominadores, responsável pela garantia de sua existência, não importa em que condições de privação e dor. Qualquer tentativa de superação da condição escrava, como realidade ou como herança histórica, implicava primeiro a necessária inclusão do mundo branco. E logo passava a significar o imperativo de ser, sentir-se e parecer *brasileiro*. Nunca puderam ser brasileiros sem ser católicos. Podiam preservar suas crenças no estrito limite dos grupos familiares, muitas vezes reproduzindo simbolicamente a família e os laços familiares através da congregação religiosa, daí a origem dos terreiros e das famílias-de-santo.” (p.54-57) In: As religiões negras e o sincretismo como identidade brasileira. 1996



No candomblé, Iansã ou Oiá, no sincretismo religioso Santa Bárbara, é a deusa dos raios, dos ventos e das tempestades. É a esposa de Xangô que o acompanha na guerra, guerreira que leva a alma dos mortos ao outro mundo. Seus filhos e filhas são mais dotados para a prática do sexo do que para o cultivo do amor. Deusa do erotismo, ela é uma espécie de entidade feminista. Brilhantes, conversadoras, corajosas e faladeiras. Podem dar a vida pela pessoa amada, mas jamais perdoam uma traição. Algumas dessas características dialogam com o perfil que Marlei faz de si e aponta com “signo” o termo orixá.

No sincretismo religioso representada pela Nossa Senhora da Conceição, Iemanjá é deusa dos grandes rios, dos mares, dos oceanos. No Brasil possui o título de mãe de muitos orixás e geralmente é representada por uma sereia. Ela é a grande mãe dos orixás e do Brasil, a quem protege como padroeira, sendo conhecida também como Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Os filhos e filhas de Iemanjá tornam-se bons pais e boas mães. Protegem seus filhos como leões. Seu maior defeito é falar demais; são incapazes de guardar um segredo. Gostam muito de trabalho e de derrotar a pobreza. Fisicamente são pessoas pouco atraentes, mulheres de bustos exagerados, e sua presença entre outras pessoas é sempre pálida.

Uma das características constituintes dos/as filhos/as de Iemanjá corrobora com o perfil de personalidade das narradoras: o trabalho, a derrota da pobreza e a proteção com os/as filhos/as. Dona Cinésia narra que:

“Eu sou orgulhosa. Toda vida eu fui bem feliz. Eu gosto mais de cozinhar, limpar uma casa, lavar a louça eu não gosto, tanto que eu comi e já deixei o prato dentro da pia, limpar uma casa, cozinhar, lavar uma roupa, isso tudo é comigo. É, até sou boba demais, demais, de vó é, porque as netas adoram. Aonde que eu to, elas tão sempre aqui. Uma trabalha no centro, aí de vez em quando ela passa aqui, de noite numa corridinha, dá uma chegadinha, aí depois pega o ônibus e vai embora. Ela pega o ônibus lá em baixo, lá no Santo Antônio, aí vai pegar o da Floresta, lá no Centro. Mas ela não passa 2 dias sem vim aqui dar uma chegadinha, nem que demora 10 minutos mas vem. A outra mesmo pára mais é aqui.”<sup>15</sup>

Um dos caminhos para derrotar a pobreza é o canto. O axé como ideologia<sup>16</sup> expande a força da mulher negra através do canto, elemento de um dos valores civilizatórios já mencionados acerca da musicalidade. A narradora Graziela diz adquirir suas forças e superar a exclusão por meio do ato de cantar:

<sup>15</sup> Entrevista concedida em 26/06/2008.

<sup>16</sup> Para a autora Helena Theodoro “(...) o axé, por ser o fator fundamental da cultura, sem o qual os seres não poderiam ter existência, realização ou transformação e por sua capacidade de criar representações, magens e conceitos, estruturando e organizando as comunidades, caracteriza o imaginário social mediante o qual o grupo se identifica, estabelece suas trocas e distribui seus papéis sociais, sendo a ideologia de axé, que pode ser utilizada por qualquer pessoa. Só a ideologia do axé permitiria às escolas de samba organizar cerca de 5 mil pessoas para desfilar ordenadamente, segundo um roteiro e intercaladas com alegorias, em um prazo máximo de 90 minutos, numa forma muito própria de lidar com a realidade.” (p.171) In: *Mulher Negra: Sua Ideologia*. 1996





“(...) Lá em casa quem gostava de cantar era só eu mesmo. De vez em quando ainda dá a louca de cantar. Até hoje é bom a gente cantar. Tudo quanto é música eu canto. Gosto do Padre Marcelo. Eu canto. Eu canto. Canto. É bom a gente cantar que os males vão tudo pra longe. Até hoje eu canto ainda.”<sup>17</sup>

Em se tratando de construção identitária as vozes das mulheres negras do Laredo emanam uma força vital, o axé, que as fazem se identificar com estes aspectos da ancestralidade africana, por meio de sua religiosidade e espiritualidade, a fim de superarem o espaço que lhes foi destinado às margens de um sistema que lhes impões a subalternização. Romper com os grilhões da discriminação racial requer uma energia vital para ser reconhecida e inserida na sociedade, ao pleno desempenho de sua cidadania.

### *REFERÊNCIAS*

- CARNEIRO, Sueli. In: BRUSCHINI, Cristina, UNBEHAUM, Sandra (org). **Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira**. São Paulo: editora 34, 2002.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2ª edição, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Pele negra, máscaras brancas**. 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2005.
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**.
- PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do axé**. 1996.
- THEODORO, Helena. **Mulher negra: sua ideologia**. 1996.

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida a mim e Virgínia dos passos Hilário em 13/06/2008.